

O IMPERIALISMO E A SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL (1870-1914)

1) Significados e Razões da Corrida Imperialista

1.1. Fim da Pax Britânica

A segunda metade do século XIX é o momento em que a completa hegemonia inglesa sobre o comércio mundial de manufaturados irá se desfazer. Durante as décadas de 1860 e 1870, Estados Unidos, Japão e Alemanha passaram por processo de modernização política e de acelerada industrialização, incentivada pela prática do protecionismo.

1.2. Aumenta a tensão internacional na busca de mercados

Juntamente com a França, que já despontava em seu processo de revolução industrial desde pelo menos a década de 1830, o surgimento de novos competidores industriais irá provocar um grave nível de tensão internacional pela busca de mercados.

A chamada “paz britânica” perdurou entre o final do século XVIII e a década de 1870, período em que os mercados consumidores e fornecedores de matérias-primas foram controlados pela única verdadeira potência industrial no período, a Inglaterra.

Assim, as novas potências industriais tiveram de disputar com grande agressividade os mercados europeus, e, sobretudo, buscar novos mercados que estivessem fora da esfera de influência inglesa. Quando o impasse na conquista de mercados foi inevitável, as potências industriais não hesitaram em resolver a situação por meio do conflito armado.

1.3. A Longa Depressão Econômica de 1873-1896

Se não bastasse a competição entre países ter se elevado, o mundo capitalista sofre uma severa depressão econômica entre 1873 e 1896. Ela aconteceu especialmente porque, àquela altura, os mercados consumidores na Europa já estavam saturados de produtos industriais. Ou seja, o excesso de produtos industriais fez com que seus preços caíssem muito, causando grandes prejuízos à burguesia industrial.

1.4. Protecionismo

Para superarem a depressão econômica, as principais potências industriais abandonaram as idéias de livre-mercado e passaram a adotar o protecionismo, ou seja, passaram a sobretaxar os produtos que vinham de outros países de modo a garantir que o mercado interno fosse monopolizado pelos produtores locais. Ao mesmo tempo, estes países passaram a incentivar as exportações, de modo a compensar a falta de mercado interno.

Mas se todos os países praticam o protecionismo, e ao mesmo tempo tentam exportar uns para os outros, se cria uma situação complicada, haja visto que todos querem exportar, mas ninguém quer importar.

A Inglaterra foi um dos últimos países a abandonar a política de livre comércio. Todos os demais, a começar pela Alemanha e pelos Estados Unidos, decidiram proteger seus mercados contra a concorrência da produção externa. Os ingleses só aderiram ao protecionismo parcialmente, e tardiamente em relação aos seus adversários.

1.5. A Inglaterra e o Padrão-Ouro

Para a Inglaterra, praticar o protecionismo contrariava seus interesses, mesmo em tempos de “mercados fechados” por toda a Europa.

O poder hegemônico da Inglaterra foi exercido durante todo o século XIX através de sua moeda, a libra esterlina. Na medida em que os britânicos eram a principal potência comercial, tendo negócios espalhados por todo o planeta, sua moeda era conhecida e recebida nos quatro cantos do globo. A mesma coisa não acontecia com as moedas de países menos presentes no mercado internacional, como a Áustria ou a Rússia por exemplo.

Assim, pouco a pouco a moeda inglesa foi sendo reconhecida como moeda de troca internacional. Isto significava dizer que os países passaram a fazer comércio internacional utilizando a moeda inglesa, e não suas moedas locais. O raciocínio para isso é simples: supomos que o Brasil venda para a China uma determinada carga de café, e aceite o pagamento em yuans. Recebendo o pagamento em moeda chinesa, o Brasil só poderá utilizar o dinheiro recebido para novas compras na China, visto que poucos outros aceitariam o yuan como forma de pagamento. Mas se o Brasil exigisse o pagamento em libras esterlinas, poderia utilizar os recursos obtidos para comprar em qualquer país, visto que todos aceitam a libra.

Mas por que todos aceitam a libra? Porque, em alguma medida, todos fazem comércio com a Inglaterra, que é a principal (única, até meados do século XIX) fornecedora de produtos industrializados para o mundo. Assim, todos querem libras, porque com ela podem comercializar com o mundo, e, inevitavelmente, comprar os bens industrializados ingleses.

O que garante ao mundo que a libra tem valor estável? O fato de, desde 1717, seu valor estar lastreado em ouro. O “padrão-ouro” garantia que para cada libra-esterlina em circulação, uma quantidade fixa de ouro estaria assegurada no Tesouro Real. Assim, a qualquer momento, qualquer um em posse de libras poderia trocá-las por ouro junto às autoridades britânicas. Isso conferia grande segurança ao uso da libra: ninguém poderia duvidar que aquela moeda tivesse valor real, para além do poder de interferência de políticos e outros agentes públicos.

Como um país poderia obter libras esterlinas para mover seu comércio internacional? Ou exportava (exigindo pelas vendas o pagamento em moeda inglesa) ou “comprava” libras junto aos “proprietários” de dinheiro, leia-se, os bancos e financistas ingleses. A “compra” da libra esterlina significa, em outras palavras, contrair empréstimos, pagando juros.

Era desta forma que a Inglaterra mantinha o mundo sob seus pés. Todos precisavam da libra esterlina para suas atividades comerciais externas, e o capital financeiro inglês sabia muito bem disso. Assim, se a Inglaterra fechasse as portas de sua economia para o mundo, evitando transações comerciais e financiamentos externos, priorizando seu mercado interno, logo a presença da libra esterlina iria começar a se reduzir no mundo, e em pouco tempo deixaria de ser uma moeda internacionalmente “desejada”.

O livre comércio era, então, para a Inglaterra, chave de sua prosperidade.

1.6. A “Solução Colonial”

A solução para a situação não pode ser outra senão reativar as práticas colonialistas, que haviam entrado em um relativo recesso no início do século XIX. Assim, a partir de 1870, os países industrializados da Europa ocidental – e de certo modo os Estados Unidos – iniciam um rápido processo de conquista de mercados e de colonização de áreas outrora inseridas marginalmente na economia capitalista, tais como a África e a Ásia.

Para a Inglaterra e para a França, potências industriais “antigas”, menos eficientes que os “novos industriais” (Alemanha, Japão e Estados Unidos), a solução colonial era uma absoluta necessidade, visto que estavam progressivamente perdendo a competição pelos mercados tradicionais (Europa e América). Assim, as colônias apareciam como pedra de salvação para o capitalismo britânico e francês, e não é por outra razão que estas duas foram as principais potências imperialistas na África.

2) A Segunda Revolução Industrial

2.1. Transformações técnicas e organizacionais

O período que começa em 1870 e vai até 1945 é marcado pela “Segunda Revolução Industrial”. A metalurgia do ferro, que era um dos setores mais importantes na Primeira Revolução Industrial, é substituída pelo uso do aço.

A máquina a vapor é substituída pelo uso da eletricidade em algumas indústrias e transportes específicos. O motor à combustão (movido a diesel ou gasolina) começa a substituir o carvão, e a indústria química se torna um dos principais setores.

Automóveis começam a ser desenvolvidos, bem como a aviação, no início do século XX. O telefone (1876) revoluciona as comunicações, e é concebida a linha de montagem (Taylorismo). Ford revoluciona a indústria automobilística com a aplicação das linhas de montagem no processo produtivo (1908). Surgem os primeiros pneus de borracha fabricados por Dunlop, e surge a lâmpada elétrica com Thomas Edison.

2.2. Transformações científicas

A Primeira Revolução Industrial foi feita basicamente através do conhecimento prático. Ou seja, os principais inventores da época eram trabalhadores e artesãos que desenvolviam novos processos e idéias para melhorar a produção, bem como criar novos produtos.

Já a Segunda Revolução Industrial foi marcada pelo alto investimento de capital em laboratórios e em pesquisa. Os principais inventores possuíam forte formação intelectual teórica.

2.3. Capitalismo Financeiro

O antigo capitalismo industrial, no qual a burguesia industrial tinha a maior importância, foi substituído pelo chamado capitalismo financeiro. Isso aconteceu em especial quando a burguesia financeira (em especial o setor bancário) foi progressivamente tomando posse das antigas empresas industriais, formando os grandes trustes e cartéis do século XIX. Ou seja, tratava-se da união entre bancos e indústrias na formação de empresas de porte gigantesco, com imensa capacidade de mercado. A época das pequenas fábricas controladas diretamente pelo proprietário estava acabada. A partir de 1870, o capitalismo será regido pelos grandes conglomerados industriais, dos quais temos exemplos ainda hoje existentes (Nestlé, Ford, General Electric, etc.).